

VIGÍLIA DA MATA COMO CAMPO DE CONFLITOS SIMBÓLICOS

VIGIL OF THE FOREST AS A FIELD OF SYMBOLIC CONFLICTS¹

Rodolfo Moura²

Resumo: O presente artigo se propõe a construir uma abordagem acerca da temática de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – UEPA, cujo enfoque se deu com a apresentação do tema e sua referencialidade teórica, que contribuiu para as discussões acerca dos conflitos simbólicos recorrentes na relação de poder no campo religioso pentecostal, no contexto da vigília da mata, tendo como objeto de análise uma determinada vigília na cidade de Belém-Pa. Dessa forma, este artigo faz referência a pensadores como Max Weber e Pierre Bourdieu, enquanto aporte teórico de análise no que se refere à relação de poder e poder simbólico. Consequentemente, autores que versam sobre a temática do pentecostalismo foram essenciais para essa abordagem, como do historiador Clayton Guerreira, que buscou compreender um movimento de vigília pentecostal, com o propósito de investigar o conflito no campo pentecostal em relação ao movimento do reteté, que, para muitos pentecostais, é a forma da expressão religiosa de caráter mais efervescente desse grupo, como apresentado nesta pesquisa. À vista disso, foram indispensáveis os estudos de David Mesquiati sobre a leitura performática que os pentecostais fazem da bíblia, as abordagens acerca da experiência religiosa no pentecostalismo, desenvolvidas por pesquisadores como Emiliano Macedo, Emerson Silveira e Robson de Paula, entre outros, assim como trechos de entrevistas dos que integram a vigília da mata, a fim de elucidar a questão do conflito simbólico que há nesse campo.

Palavras-chave: Vigília. Conflito. Pentecostalismo Belenense. Poder Simbólico. Reteté.

Abstract: This paper aims to construct an approach on the research theme developed in the Postgraduate Program in Religious Studies - UEPA (State University of Pará), focusing on the presentation of the topic and its theoretical reference, which contributed to the discussions about symbolism conflicts recurring in the power relationship within the Pentecostal religious field in the context of the "vigília da mata" (forest vigil) in the city of Belém, Pará, Brazil. The analysis was centered on a specific vigil in Belém. The article draws on thinkers like Max Weber and Pierre Bourdieu to provide a theoretical framework for analyzing power and symbolic power relations. Moreover, essential references were made to authors who address the theme of Pentecostalism, such as the historian Clayton Guerreira, who delved into understanding a Pentecostal vigil movement, aiming to investigate the conflict within the Pentecostal field concerning the "movimento do reteté" (reteté movement), which, for many Pentecostals, represents the most troubled expression of religious character within this group. In this essay, the studies of David Mesquiati on the performative reading of the Bible by Pentecostals, as well as the approaches to the religious experience in Pentecostalism developed by researchers like Emiliano Macedo, Emerson Silveira, and Robson de Paula, among others, were indispensable. Additionally, excerpts from interviews with participants of the "vigília da mata" were included to elucidate the issue of symbolic conflict within this field.

Keywords: Vigil. Conflict. Belém's Pentecostalism. Symbolic Power. Reteté.

¹O presente artigo é parte resultante da abordagem acerca da temática de pesquisa de dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPGCR/UEPA.

²Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Escola Superior Madre Celeste (2008). Especialista em “História das Religiões” pela Universidade Cândido Mendes (2018). Atualmente, é professor efetivo de História na Secretaria de Educação do Estado do Pará, lotado no Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME, Mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – (PPGCR/UEPA), Integrante do – Grupo de Pesquisa Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia (MICEA/UEPA). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – (PPGSA/UFGA). E-mail: rodolfomoura2005@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposição apresentar a temática e, sobretudo, a referencialidade teórica da pesquisa desenvolvida no mestrado, no período de 2018/2019, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião PPGCR/UEPA, cujo título é: “O poder da mata: uma análise sobre a dimensão conflituosa do campo pentecostal no contexto das vigílias da mata”. A pesquisa buscou adentrar na rica pluralidade da expressão religiosa pentecostal, principalmente, no que se refere aos movimentos de vigílias da mata, como preferem os pentecostais, nas *orações de montes*³. Estas são carregadas de valores simbólicos, que enriquecem este campo de pesquisa, visto que, a partir das construções desses valores simbólicos, iniciaram-se minhas observações. Tal investigação se encarregou de analisar os conflitos simbólicos que há no campo religioso pentecostal, no contexto desses tipos de reuniões, representados por meio do conflito entre as forças emergentes do campo pentecostal e pelas estabelecidas, de forma mais clara, no embate entre esses pequenos grupos de orações e as igrejas pentecostais, que dominam o campo religioso pentecostal de Belém-Pa, como a Assembleia de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Igreja do Evangelho Quadrangular, etc., as quais buscam, nesse enfrentamento, a descapitalização simbólica da vigília da mata.

O conflito ocorre porque, uma vez que o crente opta por frequentar esse tipo de reunião na mata, faz isso com um intuito da busca espiritual, e essa espiritualidade, na maioria das vezes, vem acompanhada de questionamentos sobre as reuniões tradicionais do templo. Sendo assim, esse tipo de encontro cria seu capital simbólico religioso com certa independência, comparado às reuniões de caráter regulador do templo.

Esse embate está diretamente relacionado à disputa por posição no campo religioso pentecostal. Dessa maneira, com um caráter concorrencial, muitas igrejas estabelecidas tentam tirar a legitimidade dos movimentos de vigílias, em uma clara tentativa de descapitalização simbólica. Por outro lado, os movimentos de vigílias, na construção de seu capital religioso, oportunizam a formação de novas lideranças, isto é, novas pequenas igrejas pentecostais, o que gera conflitos na relação de poder desse campo religioso.

É oportuno destacar que os movimentos de vigílias da mata são um fenômeno religioso que vem ganhando força entre os pentecostais, razão que justifica, na eleição presidencial de 2018, o uso

³ Monte de oração é o termo usual entre os pentecostais para classificar as vigílias, uma vez que o termo faz alusão às orações no monte que personagens bíblicos, como Moisés, Jesus, entre outros, realizavam.

dela para construção do capital simbólico religioso e político de um dos candidatos à presidência da República⁴.

Este estudo se assentou sobre a forma da expressão religiosa de caráter mais efervescente do movimento pentecostal, o que os próprios pentecostais denominam como movimento do *reteté*⁵. Este supervaloriza as manifestações espirituais a partir dos dons do Espírito Santo, os quais recebem a crença de serem manifestados por intermédio da influência do seu agente, ou seja, o mesmo Espírito Santo. Logo, ser identificado como crente do *reteté* incorre em agregar capital simbólico religioso. Nesse sentido, esses encontros de orações da mata trazem consigo um grande conflito no campo pentecostal, visto que seus participantes se identificam enquanto religiosos do *reteté*, o que gera várias tensões com as forças conservadoras do pentecostalismo.

Dessa maneira, esta pesquisa buscou compreender essa forma de expressão religiosa visto nas vigílias da mata, bem como analisou os conflitos que essas reuniões proporcionam na disputa das relações de poder do campo religioso pentecostal na capital paraense.

Dito isto, o artigo traz informações acerca do aporte teórico da pesquisa, dando ênfase aos conflitos recorrentes oriundos da disputa por legitimação do poder pentecostal na perspectiva dos conflitos de capital simbólico, que Pierre Bourdieu entendia como:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (Bourdieu, 1989, p. 145)

Assim, esses conflitos por reconhecimento através do capital simbólico se intensificam no contexto das igrejas evangélicas, fruto do crescimento plural do movimento pentecostal, pois, para quem acompanha o movimento religioso protestante, principalmente o processo histórico do pentecostalismo brasileiro, pode ter percebido que, ao passar do tempo, o seu aspecto multiforme ainda cresce no contexto das igrejas evangélicas, proporcionando inúmeros debates a respeito dessas manifestações religiosas, provenientes do mover pentecostal em algumas reuniões compreendidas e defendidas pelos seus idealizadores como sendo hegemonicamente pentecostais. Nesse contexto, vale lembrar as observações de Paul Freston, quando diz que:

As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui

⁴ Trata-se do candidato à presidência da República pelo Patriota, ex-Deputado Federal Cabo Daciolo, que, do alto de um monte da Zona Oeste do Rio de Janeiro, fez sua campanha política e de oração. Segundo ele, sua oração gira em favor da luta contra as forças da Maçonaria, dos *Iluminati* e da Nova Ordem Mundial, que, em outros momentos, foram associadas às forças dos comunistas. Conferir no link: <https://www.jmnoticia.com.br/2018/08/17/cabo-daciolo-concedeentrevista-em-monte-de-oracao-onde-esta-em-ato-profetico/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁵Sobre *reteté*, veremos com mais detalhes adiante.

grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o pentecostalismo (Freston, 1993. p. 64).

Logo, essas recorrentes variações, fruto do dinamismo pentecostal, promovem o ambiente de conflito devido ao jogo da disputa de poder. Sendo assim, o estudo objetivou pesquisar a disputa de poder simbólico que a experiência religiosa possa originar com as vigílias da mata, tendo como referencial de abordagem as reuniões desenvolvidas pela pastora Débora Silva, que é pastora presidente da “Igreja Evangélica Tabernáculo de Deus”⁶, uma vez que a referente ministra realiza semanalmente a vigília da mata. O local é de propriedade da Marinha do Brasil, situado às margens da Avenida Independência, entre os bairros de Val-de-Cães e Marambaia, em Belém-PA⁷.

Consequentemente, a pesquisa aborda os efeitos dessas reuniões, os quais, para alguns, tornam-se sinônimo de experiência pessoal com o poder espiritual do pentecostalismo, enquanto, para outros, nada mais são do que um conjunto de sincretismos religiosos, os quais destoam do que acreditam ser o pentecostalismo clássico⁸, em referência ao movimento do início do século XX, que Freston (1994, p. 70) classificou como sendo o da “primeira onda”, reportando-se à implantação no Brasil das igrejas “Congregação Cristã do Brasil”, em 1910, e “Assembleia de Deus”, em 1911, nessa época, ainda com o nome “Missão Apostólica”.

Há intensas discussões acerca dessas reuniões nas matas, que provocam divergentes opiniões entre vários agentes religiosos de inúmeras denominações evangélicas, gerando acalorados conflitos internos em algumas igrejas, a ponto de muitos desses posicionamentos nem sequer considerarem tais vigílias como pertencentes ao quadro do movimento protestante ou até mesmo pentecostal, pois muitos acreditam que os sincretismos religiosos presentes nelas descaracterizam a essência do pensamento protestante e do próprio pentecostalismo, em uma clara disputa de poder simbólico.

⁶A Igreja Evangélica Tabernáculo de Deus é o nome fictício de uma pequena congregação pentecostal com cerca de 50 membros, presidida pela pastora Débora Silva (nome fictício), que conhecemos nas visitas de campo, no caso, a mata da Marinha, no bairro de Val-de-Cães. Acompanhada por alguns membros e não membros de sua igreja, ela relatou-nos que o grupo realiza os encontros na mata, regularmente, aos sábados. A igreja é localizada no bairro da Marambaia em Belém-PA, próximo à mata onde são realizadas as vigílias.

⁷A mata da Marinha foi escolhida para análise da pesquisa, dado o fato de, no local, haver diariamente reuniões (geralmente de forma independente) de pequenos grupos pentecostais, em pontos referentes ao que eles denominam de “monte de oração”.

⁸Segundo Freston (1994), as três ondas do movimento pentecostal no Brasil estabelecem-se da seguinte forma: a primeira onda ou pentecostalismo clássico corresponde ao período de 1910 a 1950, momento em que missionários italianos e suecos fundam as primeiras igrejas pentecostais no Brasil. Em 1910, com a Congregação Cristã do Brasil, é fundada em São Paulo pelos italianos e, no ano seguinte, os suecos fundam a Assembleia de Deus em Belém-Pa. A segunda onda ou pentecostalismo neoclássico se configura como o segundo momento, em que se destaca a ênfase nos dons de línguas, como sinal de batismo com o Espírito Santo, e a cura divina, e marca o período de emancipação das organizações estrangeiras, surgindo igrejas como: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951, São Paulo), Igreja Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), Deus é Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais), entre outras. Consequentemente, a terceira onda ou neopentecostalismo surge a partir da segunda metade da década de 70, com uma liderança nacional que faz uso intenso da mídia, e tem como exemplos: Igreja Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Renascer em Cristo (1986, São Paulo).

Dessa forma, a pesquisa trouxe algumas indagações sobre o campo pesquisado, entre as quais: o que representa a mata? O que representa a *hierofania*⁹ da mata na formação do sujeito religioso? Por que há questionamentos por parte de algumas lideranças religiosas acerca da referida vigília? Há uma tentativa de descapitalização simbólica (Bourdieu, 2007) dessa reunião? Por que os não adeptos das práticas da vigília da mata a qualificam como sincretismo? O que isso significa na disputa de poder e composição identitária dos atores sociais envolvidos? Se há sincretismo religioso, qual seria? Quais os principais embates provocados por essas reuniões? O que justificaria esse poder?

Para tanto, a pesquisa utilizou como aporte teórico não somente pensadores clássicos como Marx Weber e Pierre Bourdieu, enquanto caminho interpretativo sobre as categorias de poder, poder simbólico e campo, como também pesquisadores que apresentam, na atualidade, ricas contribuições de pesquisa acerca do movimento ou dos movimentos pentecostais, no que se refere à expressão religiosa e ao desdobramento dos conflitos por ela gerados, como nos estudos dos historiadores Paul Freston, Clayton Guerreiro, David Mesquiati, Emiliano Macedo, entre outros.

Foram realizados vários ciclos de entrevistas¹⁰ ao longo da pesquisa, entrevistas exploratórias e entrevistas semiestruturadas, com os adeptos da vigília da mata, bem como de não adeptos desse tipo de reunião. Dessa forma, viu-se oportuno desenvolver entrevistas com lideranças de algumas igrejas pentecostais, sobretudo de algumas influentes igrejas estabelecidas no campo pentecostal do bairro onde acontece a vigília da mata pesquisada. Salienta-se a importância da entrevista concedida pela líder do grupo, a pastora Débora Silva.

2 CONFLITOS NA RELAÇÃO DE PODER SIMBÓLICO

Antes de adentrarmos na discussão quanto aos conflitos na relação de poder, torna-se essencial que tentemos esclarecer a concepção de poder que a pesquisa teve como arcabouço, sendo assim, a ideia de poder é normalmente vista como a força que um indivíduo exerce sobre outro, visando impor sua vontade. Partindo dessa concepção, muitos pensadores teorizaram sobre a questão.

Nesse viés, a definição de poder que direcionou essa abordagem se deu na perspectiva weberiana, na qual: [...] “por ‘poder’ entendemos, aqui, genericamente, a probabilidade de uma pessoa ou várias impor, numa ação social, a vontade própria, mesmo contra a oposição de outros participantes desta” (Weber, 2004, p. 175). Dessa forma, o pressuposto básico da concepção

⁹ Segundo Mircea Eliade (1992, p.13), a hierofania se constitui quando o sagrado manifesta-se, nas palavras do autor: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo *hierofania*”. Sendo assim, as hierofanias podem se manifestar em um determinado espaço, fazendo com que esse lugar tenha um valor simbólico, pois, para o religioso, esse lugar é diferente, como dito, ali o sagrado se evidencia.

¹⁰ É importante ressaltar que em todas as entrevistas, sem exceções, foram preservadas as identificações dos entrevistados, sendo assim, optou-se por identificá-los por nomes fictícios, atendendo às recomendações da orientação da pesquisa

weberiana de poder gira em torno da imposição da vontade dos dominantes sobre os dominados, na qual a influência do dominante determina o comportamento dos dominados, legitimando assim seu poder. Desse modo, a pesquisa centrou-se no poder simbólico, cuja compreensão recaiu sobre o pensamento de Pierre Bourdieu.

Falar de poder simbólico, na perspectiva de Bourdieu (1989), é retratar o poder invisível exercido por aqueles que se sujeitam a ele e aos que o usam na tentativa de estabelecer uma realidade que, de alguma maneira, contemple um cenário de domínio no sistema simbólico, em que este é definido da seguinte forma:

Os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim para a submissão inconsciente dos dominados. (Bourdieu, 1989, p.11).

Visto isso, foi utilizada essa compreensão da função da força simbólica elaborada por Bourdieu, como um instrumento teórico para análise dos conflitos que a vigília da mata apresenta, assim como foi utilizada a percepção de Bourdieu no que se refere ao conceito de *habitus*¹¹ e *campo*¹², como uma forma de elucidar o sistema simbólico desenvolvido no campo religioso no qual a vigília da mata está inserida, no caso, de forma mais específica no campo religioso pentecostal.

Por conseguinte, o campo é um espaço dotado de certa autonomia, com suas regras específicas, e que se apresenta como espaço de conflito entre seus agentes, em que estes buscam, de alguma forma, uma melhor posição dentro desse campo, através da disputa de capitais simbólicos. Sendo assim, o capital simbólico é determinante para a definição de posições hierárquicas dos agentes que integram o campo. Vale lembrar que, na ótica de Bourdieu (2004, p. 22-23), todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”, portanto, os agentes que integram o campo exercem relações objetivas estruturadas que mostram o que o indivíduo pode ou não fazer e o que define seu lugar nessa estrutura, proporcionando seu posicionamento diante da disputa pelo controle e legitimação no campo.

¹¹ Bourdieu (1994, p. 61) define *habitus* como: “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente”.

¹² O campo visto por Bourdieu (Dianteill, 2003) como o território em que se produz a relação entre determinados grupos, com diferentes discursos e práticas sociais, onde esse campo socialmente determinado tem relativa autonomia. Como exemplos ilustrativos de campo, temos: campo da moda; campo artístico; campo econômico; campo ideológico; campo político; campo intelectual; campo social; campo de produção cultural; campo simbólico; campo religioso etc.

No caso do campo religioso pentecostal, a disputa pela legitimação pode se tornar mais evidente diante do acelerado surgimento de novas igrejas pentecostais independentes, que, de alguma forma, contrariam, até certo ponto, a perspectiva das igrejas pentecostais majoritárias¹³, no que se refere à dominação do campo pentecostal, dadas as suas influências, embora, evidentemente, esse desconforto não seja algo exclusivo das igrejas ditas, neste artigo, como majoritárias.

Sendo assim, para estruturar a análise dessa relação de poder estabelecida entre os agentes que integram o campo religioso, foi observada a “sociologia da dominação” desenvolvida por Max Weber (2004), pois o autor constrói uma análise sociológica da religião, dando destaque às formas de poder religioso importantes para a nossa análise, pelas seguintes representações de tipos ideais¹⁴, a saber: o *sacerdote*, o *profeta* e o *mago*. Cada um desses agentes representa formas de disputa de poder que, para Bourdieu (2007, p. 88), são vistas como busca de obtenção do “monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos”. O sacerdote seria aquele agente que exerce o poder burocrático, logo, seria o responsável tanto por estabelecer a correta interpretação das doutrinas quanto por administrar a igreja, dessa forma, seu poder tem o aspecto racional e tradicional; já o profeta e o mago obtêm a força do exercício do poder carismático e fazem uso desse carisma¹⁵, como forma de legitimação de seu poder, uma vez que o mago é aquele que se utiliza das forças do sagrado como o mecanismo de coerção, fazendo com que seus seguidores busquem o atendimento de seus serviços, que, no caso, consolida-se pela manipulação das forças espirituais; por outro lado, o profeta é o que assume a função de contestar a ordem vigente. Vale lembrar que o profeta não precisa necessariamente do conhecimento técnico especializado, como é o caso do sacerdote, pois a força do carisma é uma característica atribuída também a ele.

¹³ Entendem-se como igrejas pentecostais majoritárias em Belém-PA, igrejas que, de alguma forma, exercem maior influência no campo religioso pentecostal. Como exemplos, citamos: as Assembleias de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus e Amor, entre outras.

¹⁴ Bodart (2010) explica que: “de acordo com Weber, para que o sociólogo possa analisar uma dada situação social, principalmente quando se trata de generalizações, torna-se necessário criar um Tipo Ideal, que será um instrumento que orientará a investigação e a ação do ator, como uma espécie de parâmetro. [...] O tipo ideal refere-se a uma construção mental da realidade, onde o pesquisador seleciona um certo número de característica do objeto em estudo, a fim de, construir um ‘todo tangível’, ou seja, um TIPO. Esse tipo será muito útil para classificar os objetos de estudo. Por exemplo, quando pensamos em democracia temos em mente um conjunto de características em nossa mente dando origem a um todo idealizado (o Tipo Ideal). Ao observar um sistema político contrastamos com esse tipo que temos em mente para classificar esse sistema como democrático ou não, por exemplo”.

¹⁵ Weber (2004, p. 324) evidencia o carisma como um dom que alguém possui, fazendo uso como mecanismo de domínio de um determinado grupo, quando diz: “O carisma pode ser, e naturalmente é, em regra, qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador. Segundo seu sentido e conteúdo, a missão pode dirigir-se, e em regra o faz, a um grupo de pessoas determinado por fatores locais, étnicos, sociais, políticos, profissionais ou de outro tipo qualquer: neste caso, encontra seus limites no círculo destas pessoas. Assim como em todos os demais aspectos, a dominação carismática é também em seu fundamento econômico exatamente o contrário da dominação burocrática”.

Bourdieu (2007, p. 81) observa esses tipos ideias de Weber na perspectiva do interacionismo simbólico¹⁶ e procura compreendê-los por meio das interações dos agentes sociais e do local onde cada um venha a ocupar no campo religioso, porque, dessa maneira, facilita compreender a concorrência entre as figuras do sacerdote, mago e profeta, em busca da legitimidade por parte do leigo¹⁷, de tal modo que essa concorrência pelo acúmulo de capital simbólico de cada agente será determinante na disputa do poder religioso.

Portanto, o pensamento de Weber e Bourdieu foram importantes à contribuição da fundamentação teórica da pesquisa, no que se refere ao debate acerca das relações de poder e dominação que há entre os agentes que integram o campo religioso, sendo assim, vindo auxiliar a pesquisa na tentativa de compreender o conflito de poder simbólico do campo religioso pentecostal, sobretudo no contexto das vigílias da mata, que, pela ótica weberiana de análise, apresenta o antagonismo de dois “tipos ideais” de líderes: o “líder de templo” e o “líder de mata”. O primeiro apresenta-se na qualidade de sacerdote, e o segundo, com a força do carisma, ou seja, um conflito concorrencial no campo pentecostal pelo monopólio dos bens simbólicos. De um lado, um sagrado domesticado com as igrejas majoritárias do campo, de outro, um sagrado marginalizado representado pela vigília da mata.

2.1 ASPECTO PENTECOSTAL

Um pré-requisito que conjecturamos ser essencial a qualquer abordagem no que diz respeito ao *ethos*¹⁸ pentecostal dá-se pela percepção do fervor pentecostal, característica fundamental na formação desse perfil religioso, que, de algum modo, determina sua *práxis*¹⁹ religiosa, indo de encontro à ideia weberiana do “desencantamento do mundo”²⁰. Rubem Alves (2007, p. 167), na abordagem sobre “O enigma da religião”, diz que: “não se pode negar o surto de um novo fervor

¹⁶ O interacionismo simbólico desenvolvido por Bourdieu (2007, p. 81) para analisar os tipos ideias de sacerdote, mago e profeta, elaborados por Weber, dá-se pela lógica da interação dos agentes do campo religioso, como uma forma de facilitar a análise e a percepção das representações simbólicas que os agentes desse campo possam ter.

¹⁷ O leigo é caracterizado, nessa relação de poder, como o agente do campo religioso que faz parte do grupo dos dominados, exercendo o papel fundamental de legitimador das forças dominantes.

¹⁸ *Ethos* é uma palavra com origem grega, que significa “caráter moral”. É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. No âmbito da sociologia e antropologia, o *ethos* são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo.

¹⁹ *Práxis* é uma palavra com origem no termo em grego *práxis*, que significa conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática em oposição à teoria. Este termo é abordado por vários campos de conhecimento, como filosofia e psicologia, que classificam *práxis* como uma atividade voluntária orientada para um determinado fim ou resultado.

²⁰ O termo “desencantamento do mundo” é utilizado por Max Weber, com o propósito de mostrar a sua percepção diante do processo histórico da civilização ocidental, em que tal processo implica a desmitificação da realidade, ou seja, por meio do desencantamento religioso, a magia vai sendo eliminada nas religiões, dando espaço a uma prática religiosa fundamentada na racionalidade. Sendo assim, o mundo perde a influência dos aspectos das forças sobrenaturais que podem ser controladas magicamente, em detrimento das forças científicas e tecnológicas.

religioso, assumindo formas novas e inesperadas e bem pouco institucionalizadas”. Dessa maneira, o fervor pentecostal pode proporcionar formas diversificadas de manifestação religiosa, uma vez que, na ótica dos pentecostais, esse fervor é fruto da influência que acreditam ser oriunda do poder que o Espírito Santo exerce sobre a vida do religioso pentecostal.

Desse pensamento advém uma das observações para compreensão da significação da vigília da mata na formação do sujeito religioso, pois os agentes que participam dessas reuniões objetivam a busca por esse fervor com a experiência religiosa, que, em outras palavras, podemos entendê-la como uma busca de capital simbólico no campo religioso. Como na fala de Tiago Alfeu (2018), um de nossos entrevistados: “tem igrejas que não gostam do monte e nos chamam de loucos, porque não compreendem o que é buscar a Deus, não têm visão espiritual”. Esse tipo de posicionamento é recorrente no discurso de muitos dos que foram entrevistados. Nota-se, com isso, uma tentativa de agregar valor simbólico à reunião, portanto, a busca de legitimação com a experiência religiosa.

Sendo assim, do ponto de vista sociológico, essas reuniões pentecostais podem ser compreendidas como seitas, uma vez que eles representam, em alguns momentos, clara contestação do comportamento dos grupos dominantes, no caso, as suas denominações de origem²¹. Essa contestação está diretamente relacionada à cosmovisão²² que o crente pentecostal adquire com a recepção que desenvolve a partir das interpretações que faz da leitura bíblica. David Mesquiati (2017a), quando analisa as formas como o pentecostal lê a bíblia, fazendo referências aos reavivamentos que surgiram ao longo do processo histórico do pentecostalismo, afirma: “o fervor religioso abria espaços para posturas restauracionistas, que buscavam reviver a igreja no começo dos tempos do Novo Testamento. Nesse afã, alguns grupos começaram ler a bíblia e buscar respaldo para suas experiências”. Por isso, Mesquiati (2017a, p 124) entende que um aspecto da leitura desenvolvida pelo religioso pentecostal é a leitura performática²³, observando que: “a leitura performática não fica presa ao conhecido [...] A performance possibilita a mescla entre vivência e ficção e entre texto e biografia pessoal”. Com isso, a leitura performática que o pentecostal estabelece proporciona-lhe fazer a leitura bíblica e viver o que lê, como acredita o entrevistado João Salomão (2018), quando perguntado acerca da escolha pela oração da mata: “as pessoas não entendem, o que

²¹Vale lembrar que a pesquisa se concentrou em um grupo determinado de uma pequena e nova congregação, ainda assim, não sendo muito diferente deles, algo que percebemos de recorrente no discurso dos outros grupos que se formam com as reuniões na mata é a tentativa de ressignificação que os grupos dão à experiência religiosa, como um meio de questionamento ou denúncia sobre as formas como são conduzidas as rotinas estabelecidas pelas igrejas dominantes.

²²A palavra cosmovisão remete ao modo como um indivíduo vê e interpreta uma realidade. A cosmovisão formula a visão de mundo, paradigma que, de alguma maneira, influencia a maneira pela qual uma pessoa compreende: Deus, a origem do bem e do mal, valores etc.

²³A leitura performática é uma leitura pela qual o leitor exerce uma postura mais ativa do que lê, gerando uma performance do conteúdo compreendido com a leitura textual. De forma mais resumida, é dizer que o leitor viverá de forma prática aquilo que leu e achou interessante para sua performance de vida.

acontece na mata é uma questão espiritual, por exemplo, foi aqui que vivi a experiência do batismo com o Espírito Santo e comecei falar em línguas estranhas como no pentecostes”, em uma clara associação com a narrativa bíblica sobre o dia de pentecostes²⁴ em Jerusalém.

Partindo desse pressuposto, a vigília da mata preenche uma relação com as experiências religiosas nas hierofanias, como as narrativas bíblicas apresentam. Logo, estabelecidas essas relações, é natural que as reuniões gerem valores simbólicos, os quais se condicionam pela perspectiva da crença na manifestação divina no espaço sagrado. Daí a justificativa dessas vigílias serem denominadas pelos pentecostais como oração do monte, assim como os fervorosos que integram essas reuniões serem conhecidos como crentes do monte²⁵, em uma clara referência às hierofanias bíblicas ocorridas nos montes, presentes nas narrativas bíblicas.

Dessa forma, os aspectos pentecostais referentes às leituras bíblicas, sobretudo a do fervoroso frequentador das vigílias da mata, dão-se em alusão às experiências extáticas do primeiro século da era cristã, referidas no Novo Testamento. Em virtude disso, a vigília da mata agrega valor simbólico em um campo conflituoso, como é o campo religioso pentecostal, pois, nesse caso, a vigília na mata torna-se um espaço de poder. Vale frisar que o pentecostalismo apresentado nesses encontros se enquadra na expressão religiosa conhecida como movimento do reteté, que agrega ainda mais capital simbólico religioso em razão da supervalorização das experiências extáticas, como veremos a seguir.

2.2 RETETÉ NA QUALIDADE DE EFERVESCÊNCIA PENTECOSTAL

Para ser entendido esse tipo de movimento de vigília pentecostal, é natural que se faça necessária uma compreensão acerca do que seria o reteté, sendo assim, tendo como referência a pesquisa desenvolvida pelo historiador e cientista social Clayton da Silva Guerreiro, em sua dissertação intitulada “A gira do reteté: uma análise das disputas sobre o pentecostalismo legítimo”, na qual ele se debruçou a compreender um movimento de vigília pentecostal na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, visando investigar o conflito no campo pentecostal referente ao movimento do reteté em sua aceitação ou negação no movimento pentecostal. Desta forma, podemos compreender que o reteté é um termo usual entre os pentecostais, cujo termo é de origem desconhecida, porém com algumas deduções acerca de sua gênese de origem, que, segundo o pesquisador, pode ter sido

²⁴Pentecostes é uma das celebrações mais importantes do calendário cristão e comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo em Jerusalém. Tal narrativa bíblica serve de referência à concepção do batismo no Espírito Santo, que é a base doutrinária pentecostal, uma vez que o batismo com o Espírito Santo é o revestimento de poder que todo crente precisa buscar, o qual se evidencia pelo falar em línguas estranhas (glossolalia).

²⁵Crente do monte é o termo que formula o estereótipo do religioso pentecostal que frequentemente participa de vigília de oração, sendo assim, o termo agrega valor simbólico, pois falar que o crente é do monte é o mesmo que falar que o crente é fervoroso, cheio da unção, é um “crente espiritual” etc.

difundido na passagem da década de 90 para os anos 2000, por intermédio de famosos pregadores pentecostais que popularizaram o termo por meio de vídeos de pregações de grandes eventos pentecostais, como, por exemplo, o congresso Gideões Missionários da Última Hora (GMUH)²⁶, que anualmente acontece na cidade de Camboriú (SC), agregando milhares de pentecostais de todo o Brasil. No entanto, outras hipóteses de origem do termo reteté giram em torno da relação da experiência do êxtase religioso²⁷ do crente no que concerne ao som da batida dos pés percebida nos cultos pentecostais. Em entrevista concedida ao programa *Religare* da TV Horizonte, cujo título se reportou para as novas leituras do campo religioso brasileiro, o pesquisador Emerson J. Sena da Silveira descreveu a origem do reteté da seguinte maneira:

Igreja reteté, igreja sapatinho de fogo ou igrejas dançantes, têm vários nomes. Começou surgir das periferias das grandes cidades como Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, mas também se espalhando por cidades médias, são pequenas igrejas de bairros bem afastados, periféricos. Os perfis são de pessoas de cor negra, trabalhadores que ganham até dois salários mínimos. Com uma liturgia muito dançante.

Por que surgiu o nome reteté? Por causa das batidas ritmadas dos pés no chão, que levou a este nome e que remete um pouco as origens do pentecostalismo norte-americano, especialmente com William Seymour que foi o pastor filho de escravos que trouxe por exemplo: esta celebração extática, que trouxe de volta o êxtase ao mundo evangélico. (Silveira, 2015)

Outros acreditam que o termo é uma alusão à “glossolia” ou “línguas estranhas”, marcadas por palavras ininteligíveis com repetições silábicas. Vale destacar que existem outros termos que identificam essas expressões religiosas, como “repleplé”, “mistério”, “manto”, “canela de fogo” etc. (Guerreiro, 2016, p. 16).

Dessa forma, a principal característica do crente do reteté está na experiência emocional que toma conta das reuniões desses movimentos, e essas experiências extáticas são atribuídas ao poder da manifestação do Espírito Santo, identificadas pelos dons espirituais da glossolia, pela profecia, pelas visões, revelações, entre outras formas que acreditam ser oriundas do poder sobrenatural. Assim, as reuniões são conduzidas sob ritmadas músicas, que os envolvidos denominam como “corinho de

²⁶ O Gideões Missionários da Última Hora ou GMUH, fundada em 1980 pelo pastor Cesino Bernardino, com sede em Camboriú, SC, tem por objetivo principal a divulgação do Evangelho no mundo. Dessa maneira, prepara e envia pessoas para o campo missionário. Segundo o site da organização, mais de mil famílias são sustentadas pela organização missionária. Dito isto, todos os anos a organização realiza, na cidade de Camboriú, o congresso missionário, no qual reúnem milhares de pentecostais de todo o Brasil, fazendo do evento uma das reuniões de maior destaque do campo pentecostal brasileiro.

²⁷Sobre êxtase religioso, apoiaremos na perspectiva de Paul Tillich (2014, p. 124) quando descreve que: “O termo ‘êxtase’ (‘estar fora de si mesmo’) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma”.

fogo”²⁸; em algumas reuniões, eles utilizam instrumentos de percussão, como tantã, pandeiro etc., os quais contagiam as reuniões, fazendo os crentes presentes dançarem de forma emotiva. Quanto ao tipo de dança, eles a identificam como “dança de mistério” ou do “reteté”²⁹. Consequentemente, este é um termo utilizado para identificar a forma mais fervorosa da pentecostalidade, deixando assim compreensível que a dança é proveniente da influência divina, e que Deus está fazendo a “obra” na vida da pessoa no momento da dança.

Guerreiro, ao analisar o movimento do reteté, percebeu a importância do corinho de fogo para aquela reunião e fez a seguinte descrição, a qual é bem familiar à vigília da mata abordada nesta pesquisa, bem como aos focos de efervescência pentecostal de Belém:

No “reteté” se dança (e muito!) no balanço dos corinhos de fogo. Ao toque dos instrumentos musicais e ao som das letras dos corinhos, os fiéis dançam e se balançam. Dentre milhares de pessoas reunidas, é raro e, talvez, quase impossível, observar alguém que não se balance (2016, p.70)

Esse tipo de manifestação religiosa faz parte do repertório identitário pentecostal de traço marcadamente popular, independente e agregador. O pesquisador Emiliano Macedo retrata a experiência religiosa no pentecostalismo, da seguinte forma:

[...] as emoções nos louvores permitem ao pobre se expressar mais livremente, suas frustrações, medos e esperanças. As várias manifestações de glossolalia, curas divinas e possessões espirituais todos constituem maneiras de expressão. Todas essas práticas acabam sendo mais inclusivas que exclusivas como ocorre na Igreja Católica e no Protestantismo tradicional, ambos com intrincados rituais religiosos e exigências de formação teológicas para seu clero. (2007, p.95)

Por conseguinte, o movimento do reteté, com sua ênfase principal na experiência extática mediante os dons espirituais, e menor na formação teológica, acaba agregando um aspecto claramente popular, razão pela qual a periferia das grandes cidades, não diferente de Belém, tornam-se campos férteis para esse segmento religioso, que consequentemente faz o reteté corresponder como uma forma de expressão religiosa marginalizada do campo religioso evangélico, tal qual do campo religioso pentecostal.

²⁸O cientista social Robson Rodrigues de Paula (2016, p. 56) descreve o referido cântico da seguinte forma: “o ‘corinho de fogo’ possui uma configuração relativamente simples: temas objetivos e diretos, poucos e repetitivos versos e uma constância rítmica. Assemelha-se ao baião, mesmo que, para a sua execução, além da viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e acordeon - instrumentos formadores da estrutura básica deste gênero musical-, sejam usados guitarra, contrabaixo, pandeiros, chocalhos, baterias etc.”. Vale acrescentar que, no caso das vigílias, os corinhos preferidos são os que trazem letras que se reportem à batalha espiritual.

²⁹ A “dança de mistério” está relacionada com o reteté, e este é entendido como uma espécie de ritual religioso desenvolvido pelos pentecostais, que é o momento em que o crente experimenta, de forma mais intensa, a manifestação do poder divino, envolvendo as expressões verbais, as gesticulações, a postura corporal etc., fruto da ação sobrenatural atribuída ao poder do Espírito Santo ou pela presença de Jesus (Guerreiro, 2016, p. 21).

Nem todo pentecostal se considera um crente do reteté, do contrário, todo adepto do movimento do reteté vê-se como um pentecostal. No entanto, na cosmovisão deste segundo, o reteté é a forma mais efervescente e autêntica da pentecostalidade, uma vez que a experiência sobrenatural é elementar na identificação do pentecostal. Por conta disto, há grande contestação acerca dessa efervescência pentecostal vista no reteté, como observamos no depoimento de um de nossos interlocutores:

O pentecoste é bíblicamente um movimento cristocêntrico esse tipo de movimento (reteté) não reconheço como pentecostal, os grande avivamentos que aconteceram na história da igreja foram movimentos cristocêntricos, já esses por eles não serem cristocêntricos não duram muito tempo e estão fadados ao fracasso, pois muitos estão atrás de sinais proporcionados por um líder, e esse líder, ao passar do tempo, acaba não correspondendo às expectativas desse crente. E o agente responsável por essa manifestação de poder é o Espírito Santo no pentecostalismo e não um líder, por isso não reconheço como pentecostal. (Pereira, 2019)

A posição do pastor pentecostal João Pereira³⁰, líder de uma Assembleia de Deus da Marambaia (Belém/Pará), segue a linha de contestação do movimento do reteté, pois ele acredita que a influência de um líder nesse segmento religioso sobrepõe a influência do Espírito Santo. Como defende o pastor, o Espírito Santo é o agente responsável pela legitimidade pentecostal, e não uma pessoa, ficando subentendido seu desconforto para com os líderes emergentes do supracitado movimento, pelo qual desconstroem o que o referido pastor acredita ser o verdadeiro pentecostalismo. Por fim, ele acaba não reconhecendo o reteté como movimento pentecostal.

A objeção ao reteté por parte de alguns líderes pentecostais que foram entrevistados segue em várias frentes de questionamentos, como: “a falta de fundamentação bíblica” (Pereira, 2019), “a busca da superioridade espiritual em relação aos não adeptos dessa forma de expressão religiosa” (Gonçalves, 2019), “a ênfase no ritualismo” (Dutra, 2019), entre outros. O pastor pentecostal assembleiano Antônio Dutra³¹, em entrevista, questionando as práticas do reteté nas vigílias da mata em Belém, alegou:

Já frequentei terreiros de umbanda vi uma grande semelhança com as vigílias onde pessoas rodavam e tocavam tambores, sem o direcionamento de Deus. Já ocorreram até acidentes onde pessoas rodavam e se machucavam ao cair com o rosto no chão (Dutra, 2019)

Já o pastor José Gonçalves, um dos líderes da comunidade pentecostal Deus é Pai³², ao se referir ao reteté, afirmou em entrevista que:

³⁰O pastor João Pereira lidera, aproximadamente há duas décadas, uma das maiores igrejas pentecostais do bairro da Marambaia.

³¹O pastor assembleiano Antônio Dutra é, atualmente, coordenador de um grande bairro em Belém, que apresenta uma grande extensão de mata, lugar sugestivo para esses tipos de reuniões.

³²O pastor José Gonçalves é um dos líderes da comunidade pentecostal Deus é Pai, localizada no bairro da Marambaia, próximo à mata da Marinha, onde nossa pesquisa se concentra.

Muitos desses movimentos dão ênfase em profecias campanhas de revelação, e muitos ao frequentar esses lugares estão à procura dos seus bens materiais e assim satisfazer suas próprias vontades, o que eu chamo de cultura da vitória, e isso está desfigurando verdadeiramente o que é o movimento pentecostal (Gonçalves, 2019)

Como vimos na fala de nossos interlocutores, há várias formas de questionamento a esse tipo de efervescência pentecostal. A despeito de toda essa rejeição já posta, é natural que existam aqueles que compreendem o reteté como algo positivo, os quais também não são poucos. O pastor pentecostal Paulo Valente, da Igreja evangélica Aliança em Deus³³, descreve o movimento do reteté como algo proveniente do poder de Deus, sendo um simpatizante dessa forma de expressão religiosa, ao afirmar:

O centro dele é a manifestação do poder de Deus através do Espírito Santo, e com isso vemos a participação dos membros ao se envolverem e desejarem sentir o poder de Deus, e nossas reuniões são mais avivadas, contemplando assim a alegria do povo de Deus, caracterizando-se como um povo barulhento. (Valente, 2019)

Sendo assim, o reteté, no sentido de movimento que compõe a efervescência pentecostal, mediante a experiência religiosa atribuída ao poder que o Espírito Santo proporciona na vida do crente, integra o campo de análise da pesquisa, pois, como dito anteriormente, essa forma de expressão religiosa é recorrente na vigília da mata.

Consequentemente, essa forma de expressão religiosa agrega à vigília um grande capital simbólico religioso, destoando dos interesses de muitas igrejas estabelecidas no campo pentecostal, que veem nessas vigílias uma força concorrencial pelo monopólio dos bens simbólicos desse campo.

3. A VIGÍLIA E O PODER

A vigília de oração sempre fez parte das características que compreendem o movimento pentecostal. Maxwell Fajardo nos lembra que:

Embora a teologia pentecostal indique que não exista uma predileção divina com relação ao melhor horário para a oração (como acontece no islamismo, por exemplo)[...] entende-se que a madrugada é um momento propício para a oração, já que exige um comprometimento maior por parte daquele que se propõe a orar. (2015, p.238)

Dessa maneira, há de se levar em consideração que esse “comprometimento maior” no campo religioso pentecostal se torna sinônimo de poder. Assim, uma percepção primordial que se deve considerar, em qualquer abordagem referente ao movimento pentecostal, é compreender que o preceito normativo do *ethos* pentecostal remete à vida apostólica. Portanto, a vigília da mata, enquanto integrante do campo religioso pentecostal, compreende esse preceito, posto que, na

³³O pastor pentecostal Paulo Valente é pastor presidente da Igreja evangélica Aliança em Deus, que tem sua sede localizada no bairro da Marambaia, próximo à região onde acontecem as vigílias da mata.

concepção dos seus integrantes, a vigília da mata é um lugar onde o poder do Espírito Santo se manifesta na vida do crente, como, de certa forma, manifestou-se na vida dos apóstolos, atribuindo a eles o poder que só o Espírito Santo pode proporcionar a uma pessoa. Um dos entrevistados nos relatou a seguinte situação:

Eu tinha tropeçado na caminhada e já tem três meses que voltei aos caminhos e aqui no monte é onde Deus está me levantando e revelando pra mim o oculto e o escondido e ele já me mostrou que o inimigo vai se levantar contra mim, pois está furioso com a minha volta, mas vai tudo cair por terra. (PEDRO, 2018)

Percebe-se, na fala do entrevistado que reintegra o grupo de oração, que, ao reintegrar, Deus o outorga dons espirituais, de modo a possibilitar que ele tenha revelações e visões sobrenaturais. De forma explícita, confere a ele um poder simbólico típico do crente pentecostal, que, através da experiência pessoal com o poder do Espírito Santo, agrega o preceito normativo do pentecostalismo, o qual, na visão dos frequentadores, legitima a vigília da mata enquanto um espaço autenticamente pentecostal.

Dessa maneira, esse tipo de legitimação atribuído à vigília da mata a torna um espaço oportuno ao religioso pentecostal, o qual vê, nesse tipo de reunião, uma possibilidade de desenvolver sua experiência religiosa, como na fala do entrevistado Paulo Damasceno (2018). Quando perguntado sobre a motivação que o trazia para a vigília, ele, de forma direta, respondeu: “Aqui na mata é guerra espiritual, os demônios que guerreiam aqui são os que expulsamos lá fora”. Sendo assim, a vigília, entre outras coisas, torna-se um lugar em que o crente busca poder diante das lutas espirituais. Em outras palavras, é o espaço onde o crente pentecostal se fortalece para o enfrentamento dos conflitos espirituais, justificando de algum modo o que disse uma das entrevistadas:

Aqui no monte temos que entrar preparado, não pode ser de qualquer jeito, sem consagrar³⁴ a vida. Certa vez entrei com os irmãos para orar, sem estar preparada. Quando cheguei em casa, senti fortes dores no pé. Depois de muita oração pra dor passar, o Senhor me deu o discernimento que a dor era por causa de uma seta³⁵, lançada pelo Rompe Mato³⁶. Desde então, nunca mais entrei sem me consagrar. Aqui na mata é guerra espiritual. (Maria, 2018)

Sob a ótica do evangélico encantado³⁷, apresentado pela entrevistada, fica clara a compreensão em atribuir ao espaço de reunião prerrogativas que exigem um pré-requisito de seus frequentadores,

³⁴A consagração geralmente é compreendida pelos pentecostais através do sacrifício do jejum e oração, que, na maioria das vezes, tem um propósito de fortalecimento espiritual do crente.

³⁵No caso, uma flecha espiritual de força maligna.

³⁶Rompe Mato é uma entidade da umbanda, que é vista de forma pejorativa pelos pentecostais, os quais atribuem a ele um caráter demoníaco.

³⁷Gustavo Soldati Reis (2016, p. 76-91), na abordagem sobre a identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada, relata que os evangélicos na Amazônia paraense, de alguma forma, apropriam-se e dão ressignificação às suas encantarias, visagens e pajelanças, em uma linguagem simbólica, logo, desenvolvendo um evangelismo caboclo, a partir de um evangelho encantado.

de entendê-lo como um espaço diferente de qualquer outro, que, em certa maneira, mostre que a vigília não é para qualquer pessoa, mas sim para aqueles que de fato buscam uma certa espiritualidade, ou seja, poder. Nessa concepção, a vigília da mata promove, de forma velada, uma hierarquia espiritual no contexto da dimensão religiosa pentecostal, que vem vislumbrar um conflito religioso entre os agentes que integram o campo religioso pentecostal, uma vez que essas vigílias suscitam o misticismo do tipo segmentador, abordado por David Mesquiati sobre o movimento pentecostal, quando afirma que:

O misticismo do tipo segmentador, por sua vez, seria aquele que usaria da sua experiência para afastar-se do grupo e romper os laços com os demais, sob pretensa superioridade, seja da ordem do conhecimento de Deus, da sua vontade ou da suposta proximidade com ele. Sua via de acesso é vista como a única forma de conhecimento e acesso ao sagrado. Menospreza os ritos, os sacramentos, os textos sagrados, a tradição, as instituições, a teologia e vê-se como autossuficiente. (2017b, p.544)

Essa observação que Mesquiati elabora sobre essa face do tipo segmentador do pentecostalismo é bem oportuna para a análise sobre o conflito simbólico que há no campo religioso pentecostal, em virtude das vigílias da mata, uma vez que estas, permitindo acumulação de capital simbólico, provocam maior embate contra as forças majoritárias do pensamento pentecostal, justificando, de certa maneira, algo que nos chamou atenção na vigília desenvolvida pela pastora Débora. Isso porque muitos visitantes que participam das reuniões nem sempre carregam consigo o consentimento para ali estar, por parte de seus líderes, ficando evidente o jogo conflituoso de poder.

Entretanto, uma maneira de perceber o conflito por dominação dentro do campo religioso pentecostal, no que se refere ao contexto de embate que esse tipo de vigília provoca, decorre das frequentes críticas que a vigília da mata sofre por parte das forças dominantes desse campo religioso, o que põe em xeque o *habitus* concebido nesse tipo de segmento religioso, como uma tentativa de descapitalização simbólica, em que fica evidente o conflito entre o poder “ortodoxo” e o “herético”.

3.1. PERCEPÇÃO DA LÍDER

Foi de extrema importância para a pesquisa conhecer e apresentar a compreensão e o posicionamento que a pastora Débora, como já mencionada, líder do grupo em que acompanhei na pesquisa, tem sobre as significações que a vigília da mata apresenta. Mediante a isso, viu-se necessário entrevistá-la³⁸, no sentido de tornar mais evidentes essas observações, como apresentado em pequenos trechos a seguir.

³⁸ Foi realizada entrevista com a pastora Débora Silva para esclarecer sua visão sobre os significados que a vigília da mata exerce, assim como sua perspectiva acerca da vigília enquanto líder do grupo de oração.

A pastora Débora Silva reforça a recorrente concepção de que a vigília da mata não é um espaço apropriado a qualquer um. Em entrevista, ela afirmou: “a vigília é um lugar só pra quem quer buscar uma coisa fina, diferente, sobrenatural”. Ainda sobre essa questão, ela declara algo que chamou bastante atenção:

O pastor³⁹ gosta de orar no monte com poucas pessoas, porque boa parte das pessoas aqui da igreja vão somente pra receber revelação⁴⁰, então expliquei a ele que a vigília tem que ser liberada a todos. Então, acertamos que seria liberado a todos, porém não iria ser anunciado no púlpito e nem faria convite, mas quem quisesse poderia ir se o Espírito Santo tocasse. Porque se eu anunciar no púlpito todo mundo vai. (Silva, 2018)

Compreendemos que esse posicionamento acerca dos aptos e não aptos a frequentarem a vigília da mata, assim como o receio em convidar os membros da igreja, está diretamente relacionado às tensões de disputa por domínio, comuns ao campo religioso pentecostal, visto que, ao perguntar sobre quais convites eram feitos aos membros de sua congregação, no que se refere à reunião de oração, a pastora Débora completou dizendo: “na igreja tem oração às 5h da manhã todos os dias, nessa oração todos são convidados, todos são pra estarem”. Nota-se, com isto, que as reuniões na mata não são vistas da mesma forma, comparadas às que ocorrem no templo, pois enquanto nas orações no templo o convite é maior e para todos, na mata, é só para quem sentir o desejo, sem um convite formal aberto a todos por parte da liderança da igreja.

No decorrer da entrevista, a pastora admitiu: “gosto mais de preparar a pessoa no monte e trazer pro templo”. Isso porque a ministra vê na vigília da mata um lugar propício ao processo de consolidação da vida convertida, o que ela chama de “busca pelo poder do crente”.

Quando perguntada sobre até quando pretendia manter as reuniões na mata, ela foi categórica em dizer que:

A nossa congregação é fruto da oração do monte, sempre fui de monte. Quando eu era da Assembleia de Deus, me incomodava porque tinha reunião em que só eu falava em línguas, batia palmas. Ficava incomodada com o povo sentado, cantando os três hinos da *Harpa*⁴¹, parecia que não ia acontecer nada na reunião. (Silva, 2018)

Fica notório que a vigília da mata é um dos elementos que fazem parte do *modus operandi* pelo qual a pastora constrói seu capital religioso⁴², embora fiquem claras suas ponderações para com

³⁹ Neste ponto, a pastora Débora Silva refere-se ao seu marido.

⁴⁰ Revelação, neste texto, remete ao dom espiritual de revelação, que, para os pentecostais, é uma ação espiritual em que uma determinada pessoa, por meio de forças sobrenaturais, acredita receber revelações divinas, que podem se configurar em várias ordens na vida daquela pessoa que está recebendo a revelação, a saber: sobrenatural, financeira, emocional etc.

⁴¹ *Harpa Cristã* é o nome do hinário principal das Assembleias de Deus no Brasil.

⁴² Célia Arribas (2012, p. 489) explica o capital religioso “como uma espécie de capital humano, uma *commodity pessoal* que pode ser acumulada pelos membros individuais do laicato”. Arribas faz essa afirmação, “ao considerar o capital religioso em termos de uma produção quase doméstica, ligada especificamente ao grupo religioso do qual o indivíduo faz parte”.

os que participam dessas reuniões na mata, uma vez que, como vimos, há um receio de que a reunião tenha forte presença dos membros de sua congregação, pois, para esses, já existem as orações diárias no templo. Vale destacar que a mata, onde são realizadas as vigílias, é constituída de vários espaços específicos, que os grupos avaliam ser mais adequados às orações, os quais eles chamam de montes de oração. Esses espaços são ocupados por vários grupos distintos, de diversas igrejas que, de algum modo, fazem gerar certa concorrência pela utilização do espaço, portanto, mais precisamente, concorrência entre os líderes dos grupos. Isto justifica, de alguma maneira, a preocupação da líder do grupo, no que diz respeito a estender o convite a todos os membros de sua congregação.

Na entrevista, a pastora Débora Silva alega que há vários propósitos distintos de diversos grupos quando entram na mata para orar, o que justifica a ministra preferir orar com seu grupo em um monte separado dos outros grupos, mas admite permitir que qualquer pessoa possa participar da reunião. Sobre isso, ela relatou:

Às vezes tem grupos que têm propósito diferente do nosso. Uma vez chegamos em um monte que já estava ocupado por um determinado grupo e eles conduziram a reunião de forma que não concordei, e viemos embora. Já tive problema com isso. O ideal é reunirmos só o nosso grupo, mas se alguém chegar, pode participar. (Silva, 2018)

Dito isso, entende-se que a vigília da mata é uma reunião importante na perspectiva da constituição do capital simbólico e religioso do grupo de oração liderado pela pastora Débora, que, na entrevista, confessou sofrer preconceito, por ser uma mulher de oração que ora na mata, onde, segundo ela, “desenrola o mistério”⁴³, termo que configura seu capital simbólico.

Durante a entrevista, a pastora relatou já ter vivido momentos de dissidência em seu grupo, por intermédio de líderes que, na ocasião, foram confiados à responsabilidade de dirigir reuniões de oração, os quais utilizaram o espaço para formar seu capital religioso. A pastora descreveu o seguinte fato:

Já teve dois casos de pastores auxiliares que dei a liberdade para dirigirem reuniões de oração e que pegou o povo e fundaram suas igrejas. No momento eu sofri, mas hoje eu entendo. Hoje, eu sou bem clara com os que aqui estão. Pergunto se o propósito aqui é deles se prepararem pra abrir seu ministério ou é pra me ajudar no templo. (Silva, 2018)

Entretanto, há uma preocupação quanto às rupturas em seu grupo, provenientes do espaço para formação do capital religioso de um eventual novo líder que possa surgir no grupo. Dessa forma, justifica-se a preocupação da pastora na forma como são conduzidas as vigílias da mata, em que o

⁴³Linguagem típica dos pentecostais para atribuir a uma pessoa a capacidade de manipulação das forças sobrenaturais nas reuniões pentecostais, no que se refere às experiências extáticas do poder, que acreditam ser provenientes do Espírito Santo.

ideal é que ela esteja sempre à frente da coordenação das reuniões, a fim de descartar qualquer interferência de uma possível força concorrencial. Garante-se, com isso, a preservação do seu capital religioso, nessa relação de poder, ficando notório seu duplo papel: ora líder de templo, quando preserva suas ovelhas na congregação, ora líder de mata, quando defende a importância da vigília na construção do seu capital religioso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vigília da mata é um campo fértil para análise da dimensão religiosa, sobretudo da dimensão religiosa pentecostal, que, como dito antes, é repleta de variadas formas de expressão religiosa. Logo, gera-se a formação de inúmeras igrejas que, no campo religioso pentecostal, contribuem para o fortalecimento das tensões entre os agentes que integram esse campo, no que tange à disputa por domínio no contexto dos jogos de poder.

Sendo assim, vemos como é propício para essa análise o destaque nas observações que Daniele Hervieu-Léger (2008) constrói ao falar da religião em movimento, enfatizando o fato de que, embora a sociedade atual viva o processo de racionalização, a dimensão religiosa permanece constante, porém com formas mais diversificadas e autônomas. Nesse sentido, a autora afirma: “a crença e a participação religiosas são ‘assunto de opção pessoal’: assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a quem quer que seja” (id, p.44). Assim, o religioso, na atualidade, atendendo a um perfil cada vez mais emancipado diante das instituições religiosas, pode encontrar na vigília da mata um espaço convidativo para manifestar sua religiosidade, o que naturalmente reforça o conflito por dominação entre os agentes que dominam a hierarquia do campo religioso pentecostal.

A pesquisa concluiu que as vigílias da mata são mais um espaço oportuno ao desenvolvimento de certa independência do crente em face da submissão às instituições de caráter regulador, uma vez que as experiências com o sobrenatural trazem ao sujeito religioso, entre outras coisas, um capital simbólico nesse campo religioso. Esse conflito de poder simbólico pode justificar, de algum modo, a visão depreciativa que o poder burocrático religioso atribui a essas vigílias, em uma tentativa de descapitalização simbólica, atribuindo a elas um caráter sincrético, mas em um sentido pejorativo.

Por conta disso, acredita-se que novas igrejas pentecostais independentes seguem surgindo na periferia de Belém e na sua região metropolitana, muito em função desse tipo de movimento de disputa de poder simbólico visto nessas vigílias. Isso contribuiu para um novo panorama de igrejas pentecostais que, de alguma forma, reforçam novos paradigmas de diferenças religiosas entre as igrejas pentecostais em Belém, nesse jogo de relações de poder.

Dessa maneira, a força motriz que sustenta esse conflito no campo religioso pentecostal, na figuração dos agentes, sacerdotes, magos e profetas, é o poder de dominação que cada um almeja, por meio do conteúdo simbólico, para que o domínio de outras ordens se alcance, que podem ser no aspecto político, espiritual, econômico etc.

O fato é que as relações conflituosas de poder se referem a uma realidade constante no contexto dos movimentos de vigília da mata, pois é o espaço em que o capital simbólico de um determinado grupo se fortalece, em um caráter insubordinado, que contraria o gerenciamento do comportamento que as forças majoritárias estabelecem para o campo, como forma de legitimação do domínio através do *habitus*. Assim, justifica-se a forma depreciativa pela qual as forças majoritárias do campo religioso pentecostal empregam para se referir às vigílias da mata, em uma notória tentativa de descapitalização simbólica, associando a tais movimentos um aspecto herético e irracional. Por outro lado, na ótica dos que integram esse segmento religioso, essa tentativa de descapitalização simbólica do grupo se configura em perseguição, algo natural na vida de todo crente fervoroso, pois uma de suas marcas é a vida marcada pelo triunfo das constantes batalhas que vivem, sendo assim, fica notório o jogo conflituoso do poder simbólico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6 ed. Campinas: Papirus, 2007.
- ARRIBAS, Celia. Pode Bourdieu contribuir para os estudos em Ciências da Religião? *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 15, p. 483, 2012.
- BODART, Cristiano das Neves. Tipo ideal de Max Weber. *Blog Café com Sociologia*. 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/tipo-ideal-de-max-weber/>. Acessado em: 19/07/2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.
- _____. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu/ Sociologia*. Trad. Paula Monteiro. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- DIANTEILL, Erwan. Pierre Bourdieu e a religião: síntese crítica de uma síntese crítica. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 34, n.2, 2003, p. 30-42.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro, “*Onde a luta se travar*”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980), 358 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2015.

- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.p. 67-159.
- _____. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- GUERREIRO, Clayton S. *A gira do “reteté”: Uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MACEDO, Emiliano Unzer. *Pentecostalismo e religiosidade brasileira*. 2007. 261 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, David Mesquiati. Os Pentecostais, o Espírito Santo e a Reforma. *Revista Pistis & Práxis: teologia e pastoral*, v. 9, p. 539-553, 2017.b
- _____. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 17, p. 119-140, 2017.a
- REIS, Gustavo S. Evangélicos na Amazônia Paraense: identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada. *Observatório da Religião*, v. 03, p. 76-91, 2016.
- SILVEIRA, E. J. S.. Programa Religare - Conhecimento e Religião. Belo Horizonte. *TV- Horizonte*, 15 jun. 2015. Entrevista a Flávio Senra. Disponível em 17/08/2019 em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hnInWm4iS0A>>
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. Revista. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília (DF): Editora da UnB, 2004. v. 2.

Entrevistas

- ALFEU, Tiago. Falando Sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.
- CLOÉ, Maria. Falando Sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

DAMASCENO, Paulo. Falando sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

DUTRA, Antônio. Falando sobre as vigílias do templo e da mata. Belém-PA, 19 abr. 2019. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

GONÇALVES, José. Falando sobre as vigílias do templo e da mata. Belém-PA, 14 abr. 2019. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

PEREIRA, João. Falando sobre as vigílias do templo e da mata. Belém-PA, 03 mai. 2019. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

SALOMÃO, João. Falando Sobre a vigília. Belém-PA, 08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S Moura.

SILVA, Débora. Sua visão da vigília. Belém-PA, 24 jul. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.[a entrevista encontra-se gravada em arquivo MP3 74:31min]

SIMEÃO, Pedro. Falando sobre a vigília. Belém-PA,08 jun. 2018. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.

VALENTE, Paulo. Falando sobre as vigílias do templo e da mata. Belém-PA, 23 abr. 2019. Entrevista concedida a Luís Rodolfo da S. Moura.